

A MENTE MORALISTA

THE MORALIST MIND

Anderson Barbosa Paz¹

RESUMO: A presente resenha objetiva apresentar a tese geral da obra *A Mente Moralista: Por Que Pessoas Boas são Segregadas por Política e Religião* do psicólogo social norte-americano, Jonathan Haidt, e destacar algumas de suas contribuições. Para tanto, busca-se apresentar os apontamentos gerais da obra e discuti-los. O texto pode contribuir como introdução à obra de Haidt e na apresentação de sua tese.

PALAVRAS-CHAVE: A Mente Moralista; Jonathan Haidt; Moralidade; Racionalidade.

ABSTRACT: This review aims to present the general thesis of the work *The Righteous Mind: Why Good People are Divided by Politics and Religion* by the american social psychologist, Jonathan Haidt, and to highlight some of his contributions. To this end, we seek to present the general notes of the work and to discuss them. The text can contribute as an introduction to Haidt's work and in the presentation of his thesis.

KEYWORDS: The Righteous Mind; Jonathan Haidt; Morality; Rationality.

INTRODUÇÃO

A obra *The Righteous Mind: Why Good People are Divided by Politics and Religion* do psicólogo social norte-americano, Jonathan Haidt, foi publicada em seu país de origem, em 2012, pela Editora Pantheon Books. Recentemente, o livro foi publicado no Brasil sob o título *A Mente Moralista: Por Que Pessoas Boas são Segregadas por Política e Religião*, em 2020, pela Editora Alta Books. Apesar de amplamente discutida nos Estados Unidos da América, especialmente, no contexto das eleições presidenciais de 2016 e 2020, no Brasil, a obra ainda é pouco conhecida.

Haidt inicia seu livro com uma pergunta intrigante: “Não podemos nos dar bem?”. Apesar de reconhecer a importância das discordâncias entre os indivíduos, o livro discute o porquê de ser tão difícil que pessoas diferentes se entendam. A tese do autor é que a moralidade é a capacidade crítica que tornou a civilização possível, de modo que a mente humana é naturalmente moralista, isto é, crítica e propensa a julgar por meio de distinções valorativas. Nesse sentido, a obsessão pela moralidade (superioridade moral) é a condição

¹ Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba. Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Paraíba.

humana normal. Contudo, para Haidt, os conflitos devem se manter dentro de limites razoáveis e em equilíbrio.

A partir disso, o autor propõe fazer uma investigação sobre a moralidade humana, a fim de compreendê-la e mitigar a ruptura que o juízo moral causa nos âmbitos político e religioso. Para tanto, Haidt apresenta uma série de pesquisas empíricas realizadas nas últimas décadas para sustentar e discutir suas alegações. Ao longo da obra, o psicólogo social discute as implicações da mente moralista sobre a política e a religião.

A presente resenha objetiva apresentar a tese geral da obra e destacar algumas de suas contribuições. Para tanto, seguir-se-á a estrutura apresentada por Haidt em seu texto. Em primeiro lugar, discutir-se-á como as intuições determinam a adoção de valores morais e como o raciocínio surge para justificar tais decisões. Em segundo lugar, apresentar-se-á como Haidt elabora sua tese acerca do “paladar moral” humano como sendo mais amplo do que as noções de dano e justiça. Em terceiro lugar, analisar-se-á a sugestão do autor de que a mente moralista tende a se tornar cega para mundos morais alternativos. Por fim, refletir-se-á sobre a sugestão do autor acerca da necessidade de mais diálogo entre pessoas de moralidades distintas.

1 PRIMEIRO AS INTUIÇÕES, DEPOIS O RACIOCÍNIO ESTRATÉGICO

Para Haidt, intuições morais precedem o raciocínio estratégico, isto é, o ser humano adota valores morais de modo intuitivo e depois busca motivos racionais para justificar suas crenças e ações. Assim, o ser humano adota, em geral, valores morais de forma não refletida. Já na década de 1990, o autor passou a realizar estudos empíricos comparativos de psicologia social utilizando-se das variáveis: cultura e classes sociais. Comparou dados coletados nas cidades de Recife e Porto Alegre, no Brasil, e Filadélfia nos Estados Unidos da América. Sua conclusão foi a de que a moralidade varia de país para país e de classe social para classe social e se estende para além de dano e justiça.

A partir disso, Haidt estabelece uma distinção cognitiva entre intuição e raciocínio. Ao passo que a intuição governa o ser humano, o raciocínio vem depois para justificar as crenças e ações adotadas intuitivamente. O autor busca ilustrar essa percepção através da metáfora de “um elefante e seu ginete” (o condutor do elefante) pela qual indica que os seres humanos têm uma parte muito mais emocional e instintiva (elefante) do que racional e analítica (ginete).

O psicólogo social americano, na linha da filosofia empirista do escocês David Hume, entende que o “elefante” influencia mais as decisões humanas do que o “ginete”, posto que os processos automáticos (elefante) levam a mais decisões do que os processos controlados (ginete). Às vezes, a razão redireciona a intuição inicial, mas, via de regra, o “ginete” só serve ao “elefante” para lhe dar justificativas para suas decisões. Ainda assim, crenças morais podem, excepcionalmente, ser mudadas em interação com outras pessoas. Por isso, o autor recomenda que se se quer influenciar alguém a mudar de ideia sobre uma questão moral, deve-se falar primeiro com o “elefante”.

Para Haidt, o ser humano se preocupa mais com a aparência e reputação do que com a realidade. O comportamento é melhor controlado pelas relações intersubjetivas. Dessa forma, o ser humano se preocupa mais com “votos” (créditos pessoais) do que com a verdade. Assim, para o autor, o racionalismo é uma ilusão, posto que “o raciocínio é importante, principalmente porque os argumentos às vezes influenciam outras pessoas, mas a maior parte da ação na psicologia moral está nas intuições” (HAIDT, 2020, p. 98).

Essa visão de Haidt encontra amparo na tradição iluminista anglo-americana. Himmelfarb (2011) explica que houve, na modernidade, pelo menos três projetos de Iluminismo, a saber, da tradição francesa (racionalista), da tradição britânica (virtudes sociais) e da tradição norte-americana (liberdade política). A tradição iluminista anglo-americana tem um fundamento não racionalista que busca preservar a liberdade por meio do cultivo de virtudes. Tanto na tradição britânica, quanto na norte-americana, há um ceticismo quanto ao poder da razão em determinar as ações dos indivíduos, ao passo que valorizam-se as virtudes morais na determinação das relações sociais.

Para Himmelfarb (2011), o iluminismo britânico (Adam Smith, Edmund Burke) tem por característica a valorização da virtude. Todo ser humano tem um senso moral inato que lhe dá liberdade política, cívica e religiosa. Já no iluminismo francês, a razão e a liberdade foram elevadas no sentido de se consolidar o governo de uma aristocracia sobre as massas, a fim de que a vontade geral se sobreponha à vontade individual. Por fim, no iluminismo americano, a elevação das liberdades política e religiosa, que se consagraram na constituição e na vida cível do país, possibilitou o cultivo orgânico de uma moralidade não-racionalista.

Dessa forma, o que o psicólogo social norte-americano, Jonathan Haidt, destaca em sua obra vai no sentido da tradição moderna anglo-americana que cultiva um ceticismo quanto ao racionalismo, valoriza a fomentação orgânica de valores morais e reposiciona o papel das intuições e das emoções na determinação da moralidade individual.

2 A MORALIDADE ENVOLVE MAIS DO QUE DANO E JUSTIÇA

A mente moralista conhece vários “sabores morais” para além de não causar dano e injustiça, a saber, liberdade, lealdade, autoridade e santidade. Haidt apresenta sua “teoria dos alicerces morais” pela qual entende que as intuições possibilitam a formação de diferentes alicerces morais inatos (anteriores ao exame racional). Existem várias moralidades à medida que os diferentes grupos e indivíduos valorizam diferentemente os alicerces morais. O autor identifica seis categorias distintas desses alicerces:

O alicerce o Cuidado/dano evoluiu em resposta ao desafio adaptativo de cuidado de crianças vulneráveis. Ele nos torna sensíveis a sinais de sofrimento e necessidade; nos faz desprezar a crueldade e querer cuidar daqueles que estão sofrendo.

O alicerce da Justiça/trapaça evoluiu em resposta ao desafio adaptativo de colher os frutos da cooperação sem ser explorado. Isso nos torna sensíveis a indícios de que outra pessoa provavelmente será um bom (ou mau) parceiro para colaboração e

altruísmo recíproco. Ele nos faz querer evitar ou punir trapaceiros.

O alicerce da Lealdade/traição evoluiu em resposta ao desafio adaptativo de formar e manter coalizões. Ele nos torna sensíveis a sinais de que outra pessoa é (ou não é) um jogador de equipe. Ele nos faz confiar e recompensar essas pessoas, e nos faz querer ferir, marginalizar ou até matar aqueles que nos traem ou o nosso grupo.

O alicerce da Autoridade/subversão evoluiu em resposta ao desafio adaptativo de criar relacionamentos que nos beneficiarão dentro das hierarquias sociais. Ele nos torna sensíveis a sinais de posição ou status e a sinais de que outras pessoas estão (ou não) se comportando adequadamente, dada sua posição.

O alicerce da Pureza/degradação evoluiu inicialmente em resposta ao desafio adaptativo do dilema do onívoro e depois ao desafio mais amplo de viver em um mundo de patógenos e parasitas. Ele inclui o sistema imunológico comportamental, que pode nos tornar mais cautelosos com uma variedade diversificada de objetos e ameaças simbólicas. Ele possibilita às pessoas atribuírem valores irracionais e extremos – positivos e negativos – a objetos que são importantes para unir grupos. (HAIDT, 2020, p. 164).

O autor adiciona a essa lista o alicerce moral Liberdade/opressão (p. 183ss.). A partir desses alicerces morais, Haidt, em diálogo com os psicólogos culturais Joe Henrich, Steve Heine e Ara Norenzayan, identifica uma moralidade singular e incomum na maioria das culturas: a moralidade WEIRD (Western, Educated, Industrialized, Rich, Democratic), a saber, ocidental, educada, industrializada, rica e democrática. O psicólogo social norte-americano entende que essa moralidade encontra amparo na filosofia de Immanuel Kant e John Mill que se preocuparam com um liberalismo que buscava preservar o indivíduo de danos e de injustiças.

De acordo com Haidt, essa moralidade WEIRD forma o paladar comumente conhecido como progressista, identificado à esquerda liberal do pensamento político. De acordo com o psicólogo social, essa moralidade é individualista e preocupada apenas com danos e injustiças a terceiros e com a liberdade dos indivíduos, conforme os princípios liberais de não-dano de John Mill (2017) e de autonomia da vontade de Immanuel Kant (2002; 2016). É uma ética limitada à autonomia, isto é, preocupada com que os indivíduos não prejudiquem, oprimam ou enganem outros indivíduos.

Segundo o autor, todo ser humano tem “receptores de sabor moral” capazes de degustar os alicerces morais apresentados. Contudo, cada um experimenta esses sabores de modo diferente. Isto é, o ser humano tem alicerces morais inatos que possibilitam avaliações diversas e variações de moralidades. Haidt identifica que há “monismos morais”, como as éticas utilitarista e deontológicas, que escolhem um princípio moral como orientador de sua ética. Ocorre, porém, que a mente humana tem receptores, “botões gustativos”, que recebem, processam e valorizam distintivamente o cuidado, a justiça, a lealdade, a autoridade, a pureza e a liberdade.

Por isso, Haidt entende que para além da moralidade WEIRD, existem éticas de comunidades locais (“ética de comunidade”) e religiosas (“ética de divindade”) que se utilizam dos seis alicerces morais sugeridos, ainda que hajam variações internas a essas éticas sobre o grau de importância de cada alicerce moral. Nesse sentido, entende o psicólogo

social, os conservadores têm vantagem ao apelar para todos os alicerces morais, enquanto progressistas apelam para os alicerces morais do cuidado, justiça e liberdade. São três alicerces dos progressistas contra seis dos conservadores.

3 A MORALIDADE AGREGA E CEGA

De acordo com Haidt, a moralidade tem a capacidade de agregar e cegar, posto que os indivíduos tendem a se conectar com aqueles que compartilham sua narrativa moral e, conseqüentemente, tornam-se cegos e surdos para mundos morais diferentes dos seus. Com base em Charles Darwin, o psicólogo social norte-americano sustenta que a moralidade é resultado de adaptações evolutivas por meio de seleção natural, a maioria em nível individual, mas parte em nível grupal. A moralidade agrega pessoas em grupos e, à medida que a seleção natural ocorreu por meio da competição entre grupos, gerou-se mais cooperação e incentivo a um comportamento social e benefício grupal.

Para Haidt, apesar de o ser humano, a rigor, agir individualmente de forma competitiva com seus vizinhos, ele pode, como as abelhas, agir de modo social por meio da competição entre grupos. O ser humano tem a capacidade, sob circunstâncias condicionais, de transcender o próprio interesse e se concentrar em algo maior do que si mesmo, a fim de participar e cooperar com outros indivíduos, tornando seu grupo mais coeso e mais bem-sucedido no processo de competição com outros grupos. O autor chama essa capacidade de “interruptor da colmeia”.

De acordo com Haidt, partindo do sociólogo Émile Durkheim, a religião é a capacidade desenvolvida evolutivamente de se preocupar com o outro e de se conectar ao grupo. Amizades e atividades em grupos religiosos reforçam o altruísmo e agregam pessoas. Logo, a mente moralista e a religião evoluíram conjuntamente. Esse processo resultou na formação de “sistemas morais” distintos. O autor, então, define a moralidade ou sistemas morais como sendo:

Conjuntos interligados de valores, virtudes, normas, práticas, identidades, instituições, tecnologias e mecanismos psicológicos evoluídos que trabalham juntos para suprimir ou regular o interesse próprio e possibilitar sociedades cooperativas. (HAIDT, 2020, p. 289).

Com base no exposto, Haidt pergunta “não podemos discordar de forma mais construtiva?”. O autor reconhece que a influência do grupo e até da genética tem implicações sobre a adoção de valores morais e políticos por parte dos indivíduos. A mente humana processa mais histórias (narrativas) do que dados lógicos. Há um “capital moral” que permeia as relações sociais e morais entre os indivíduos. Esse capital é constituído por valores morais ou recursos que formam e mantêm comunidades morais para além das relações de parentesco. Ele permite que comunidades cultivem valores e normas para regular o egoísmo e possibilitar

a cooperação.

Para o psicólogo social, enquanto progressistas tendem a diminuir o capital moral devido ao individualismo e à incapacidade de reconhecer os recursos que sustentam uma comunidade moral (como lealdade, autoridade e pureza), conservadores tendem a não promover o capital moral para pessoas e grupos não assistidos pelas comunidades morais, dificultando potenciais mudanças que poderiam contribuir na capitalização moral da sociedade.

A partir disso, Haidt compara as matrizes morais de conservadores e liberais progressistas e sugere ser preciso buscar uma política mais cívica, a fim de mitigar o maniqueísmo entre partidos e pessoas de moralidades distintas. A moralidade política tem a capacidade de agregar e cegar com base em ideologias e narrativas que condicionam a interpretação sobre a realidade. É preciso reconhecer que comunidades morais podem se tornar tribos que criam muros entre os indivíduos. E é necessário se abrir para um diálogo mais amigável e construtivo com outros grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Haidt lembra que os indivíduos de uma sociedade plural precisam tirar a viga do próprio olho para dialogar e discordar de modo mais construtivo com quem pensa diferente. De fato, o ser humano é uma criatura intuitiva e sentimental. O raciocínio estratégico opera no sentido de justificar as decisões intuitivas. Isso dificulta a relação entre indivíduos e grupos que adotam sistemas morais distintos e vivem em diferentes matrizes de moralidade.

Contudo, ainda é possível construir pontes de diálogo. O primeiro passo deve ser reconhecer os diferentes alicerces morais de uma sociedade. Em seguida, é preciso haver um esforço para compreender a perspectiva e visão de mundo do interlocutor. E, em terceiro lugar, se possível for, cooperar em pontos em comum para o fortalecimento de comunidades morais. Uma sociedade plural não precisa se tornar uma comunidade de muros. Pode ser possível discordar e se dar bem.

REFERÊNCIAS

Haidt, Jonathan. **A Mente Moralista**: por que pessoas boas são segregadas por políticas e religião. – Rio de Janeiro: Alta Books, 2020.

Himmelfarb, Gertrude. **Os caminhos para a modernidade**: os iluminismos britânico, francês e americano. – São Paulo: É Realizações, 2011.

Kant, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. São Paulo, SP: Editora Martin Claret, 2002.

_____, Immanuel. **Crítica da razão prática**. – 4. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

Mill, John Stuart. **Sobre a liberdade**. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.